A experiência de desqualificação social em homens homossexuais[1]

Luiz Carlos Avelino da Silva -UFU[2]

Resumo

Esse trabalho atenta para o fato de que a homossexualidade se insere entre as diferenças significativas, que atraem o olhar do outro e mobilizam atitudes discriminatórias. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo **objetivo** foi descrever e analisar a experiência de desqualificação social de homens homossexuais motivadas por sua sexualidade e na qual se ouviu cinco homens adultos, com idade, nível sócio econômico e grau de instrução diferente, que se reconhecem como homossexuais, não são militantes e já viveram situações de desqualificação. Os relatos mostram desqualificação social em locais de trabalho, hotelaria, boates, escolas e na própria família. Revelam ainda que há confusão sob a forma como se referir a própria sexualidade, a ironia presente nas frases de seus interlocutores, e a tentativa deles em se antecipar as agressões ao assumirem posturas que eles supõem esperadas pelos outros

Palavras Chave: Homossexualidade, discriminação, violência.

INTRODUÇÃO

Igreja Luterana da Suécia aprova o casamento entre pessoas do mesmo sexo a partir do mês de novembro de 2009. Psicóloga afirma que "homossexuais podem mudar". "Cidade de Betim, MG, na luta contra a homofobia". "Homossexuais enfrentam preconceitos nas escolas". Essas poucas e significativas notas, extraídas de diferentes mídias revelam por si como a homossexualidade ainda carece de discussão, e aceitação. É paradoxal que as duas últimas sejam extraídas da mesma edição do jornal, o Tempo (ed. 25/07/2007). A leitura completa dessas matérias desvela outras contradições. Na mais otimista de todo, a que autoriza o casamento religioso entre pessoas do mesmo sexo, ressalva-se o direito do pastor em se recusar a realizá-lo. Na mais pessimista de todas, um quadro indica que o assunto não é tratado em livros escolares e em outro, que travestis e transexuais são mais afetados pelo preconceito de 87% de uma amostra construída com alunos, pais e professores, em pesquisa realizada pela Faculdade de Economia, Administração e Contábeis da USP em 501 unidade de ensino no país. Isso tudo em pleno século 21, em que os movimentos de reafirmação de identidade promovidos por grupos homossexuais ganham presença na mídia, com a inserção de personagens e participantes gays em tramas de novelas, programas televisivos, cinema e mesmo filmes publicitários, sob uma abordagem identificada com o politicamente correto e pelo menos na aparência, promotora da defesa da diferença e tolerância. É de se perguntar: a homossexualidade ainda se coloca como um problema?

---

[1] Esse trabalho contou em sua fase inicial com a preciosa colaboração de Alisson Machado Borges e Rita Martins Godoy Rocha, a quem se agradece.

[2] Professor Adjunto do IP.UFU. Endereço eletrônico: luizavelino@yahoo.com.br

Retirada dos códigos internacionais de classificação de doenças, a origem da homossexualidade deixa de ser uma discussão relevante, mesmo que obras que lhe apontem uma causalidade cromossômica, ou as discussões sobre uma possível origem psicogênica, como foi comum em teorias de Psicologia. É uma condição humana, inexoravelmente amalgamada com a identidade dos que a detém e eticamente inabordável por processos que visem outra coisa senão a integração dessa característica humana à pessoa que a possui, como fez saber, a resolução do Conselho Nacional de Psicologia, N° 001/99, de 22 de março de 1999.

A homossexualidade ainda deve ser problematizada, haja vista a reação à resolução do CFP na qual em nome da religiosidade, se conclama em abaixo assinado o direito de curar a homossexualidade. E os focos dessa problematização devem ser aqueles que questionem as representações sociais existentes sobre ela, os comportamento e atitudes homofóbicas e as tentativas de silenciamento produzidas por discursos que, apoiados no esvaziamento de palavras repetidas ad-naseum, como tolerância e aceitação, que não redundam em uma postura efetivamente integradora, ainda patologizam essa condição, e condicionam a aceitação da diferença a sua permanência em limites quase geográficos, dos guetos, locais onde pode ser naturalizada e onde é um alvo fácil para a intolerância, ou sujeita a política do "armário", como aponta Villaamil (2004).

Cabe, pois refletir sobe a exclusão e subjetividade no campo da sexualidade, no intuito de favorecer a construção de identidades homossexuais sem cair no subjetivismo ingênuo, retirando o centro do foco analítico dos regimes de verdade hetero/normativos em que as identidades gays se configuram (VILAAMIL, 2004). É importante, nesse primeiro momento desvincular-se de critérios determinantes para as diferenças subjetivas em que prevaleça dicotomias entre normal versus anormal, condizentes ao pressuposto de uma heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003

Para moderar tal posição requer-se um exercício contínuo de desprendimento do princípio básico para construção da sexualidade vivido por longas datas, onde se centraliza o desejo pelo sexo oposto, considerando o diferente como perverso. Antes de avaliar julgamentos faz-se essencial pensar na diferença sem pensá-la como desvio.

Ao tratar de um desvio, atribui-se a saída de uma posição normal, neste caso, a heterossexualidade. Pode-se entender partindo das reflexões de Amaral (1998) que a anormalidade e normalidade existem e surgem de padrões que vivenciamos, ou biologicamente, pela vocação inata ou socialmente pelos tipos ideais constituídos pelos grupos preponderantes. Porém, é necessário pensar a diferença não como patologia ou pecado, e não somente como desvio, mas como "expressão da diversidade da natureza e da diversidade humana" (p.15), pensando-a de forma renovada.

Numa sociedade que parece promover aparências segregantes, na qual predomina uma pseudo-aceitação, resta muitas vezes aos homossexuais amar sem poder nomear, em silêncio, seguindo um caminho controverso, à margem. Partindo dessa perspectiva, é importante revelar a subjetividade de indivíduos que vivenciam tais subjugações e buscar retratar ainda que timidamente aspectos que recaiam no próprio pensar sobre si e sobre a exclusão.

Reflexões sobre a homossexualidade masculina ao longo da história existem, e se caracterizam sob amplo espectro: de perversas a libertárias, de preconceituosas às acolhedoras. Dentre essas reflexões, pode-se constatar que a homossexualidade é vista sob alguns prismas que se modificam ao longo do tempo: de pecado, passando a vício, a crime e, posteriormente, a uma patologia que seria fonte de estudos e intervenção médica.

Nota-se que tais modificações revelam caráter negativo. Ressalta-se o viés moralista ainda hoje de algumas religiões em relação à homossexualidade entendendo-a como pecado. Chamada também de sodomia, ou em termos luso-brasileiros populares do período colonial "fanchonice", "o amor que não ousa dizer o nome" foi depois do judaísmo o "crime" mais perseguido pela senha inquisitorial. Os sodomitas atreveram-se desde os tempos mais remotos a "penetrar" onde não se permitia e ousaram corromper até a pureza dos Anjos, merecendo por isso serem mortos: "Se um homem dormir com outro homem, como se fosse mulher, ambos cometerão uma coisa abominável. Serão punidos de morte e levarão sua culpa". (Levítico. 20,13).

Depois de ser tratado como pecador e viciado, sob o jugo do poder religioso, na modernidade, o homossexual passou a ser considerado como um estado "não sadio", a partir da apropriação do conhecimento sobre o corpo pelo discurso científico e condenado pelos sujeitos ditos normais, diagnóstico que somente desaparece no Código Internacional de Doenças da OMS em sua 10ª. versão e no manual norte-americano, o DSM, em sua terceira versão revisada.

Muitas outras considerações também foram feitas pela psicologia e psicanálise e outros âmbitos da ciência a cerca da homossexualidade. O livro "Perversão" (FERRAZ, 2000), por exemplo, trata da construção histórica da palavra perversão, cuja origem encontra-se no vocábulo latino "perversione" e expressa o ato ou efeito de perverter-se, ou seja, torna-se mal, corromper, depravar-se. Este termo foi utilizado no campo da medicina para designar o desvio de uma disposição normal, principalmente no campo da sexualidade, e estranhamente corroborado por Freud para nomear os supostos desvios no contexto sexual psíquico do indivíduo, em sua obra "Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade Infantil" (FREUD, 1905). No texto de Ferraz (2000), ele próprio psicanalista, aponta-se que a psicanálise fez um uso perigoso desse termo, pois seu aspecto etimológico influi negativamente como elemento moralizante intrínseco. Entre suas outras considerações, cita Kernberg reconhecendo que "a abordagem científica é particularmente vulnerável à contaminação por preconceitos ideológicos e culturais". (1998 apud FERRAZ, 2000, p.19).

Ferraz (2000) mostra também, que apesar da psicanálise ter se valido da idéia de perversão e de tratar o homossexualismo como inversão, Freud alterou profundamente a concepção até então em voga de que o objeto sexual seria formado naturalmente, propondo uma visão mais contingente, na qual a sexualidade seria construída e não determinada biologicamente. Muito embora essas diversas discussões tenham arraigado alguns juízos de valor e contradições a cerca do que é normal e do que é anormal, foram fundamentais para o progresso de diversas visões do fenômeno geral da sexualidade, incitando novas reflexões e críticas.

Dentro dessas considerações pode-se citar Foucault (1984). Foucault foi o pioneiro a falar do sexo enquanto um jogo de forças políticas, caracterizando-o como objeto histórico produto de um tempo com variantes e desdobramentos diversos. Segundo o autor, no século XIX, o sexo é posto no centro das discussões sociais, principalmente no âmbito da ordem médica, como já citado, uma vez que supostas patologias sociais remetiam-se ao sexo. Dentro desse contexto, ele questiona a real posição da sexualidade na construção da subjetividade humana, atentando para a percepção de outros dispositivos que vão além de determinações patológicas do sexo como se afirmava na época. O autor tinha o intuito não de confirmar, mais instigar o pensamento a cerca do saber supostamente dito como verdadeiro e que enquadrava o ser humano que se destoava da normalidade ditada.

Recentemente a homossexualidade foi tema do filme Brokeback Mountain, do cineasta Ang Lee (2005), baseado no conto da escritora norte americana Annie Proulx.

As obras narram um relacionamento entre dois homens que se conhecem durante um trabalho temporário como pastores de ovelhas e apaixonam-se. O filme mostra os efeitos de um contexto social rural e machista no qual o mais condizente foi manter as aparências de um casamento heterossexual, e relacionar-se com o verdadeiro objeto de amor em encontros ocultos e esporádicos. Além dos fatores sociais, a história mostra os efeitos de uma criação por famílias "machistas" que condenavam a homossexualidade, como abominável e passível de condenação a morte.

Fuente Rocha, 2006, em artigo delicado, mostra relação de famílias com seus filhos homossexuais, cuja acolhimento gera para o grupo as mesmas agressões, discriminação e vergonha que se aplicam ao filho, o que ajuda a justificar o comportamento de muitos homossexuais que ao se assumirem como tais, afastam-se da família em um espécie de auto-exílio de raízes afetivas, ainda que essas o aceitem. Provavelmente para poupá-la do que eles próprios experimentam. Quando ficam, a compensam, na busca do atendimento de seus desejos sócio-econômicos e tentativas de afastar seus medos.

Através da história de Proulx pode-se caracterizar os efeitos da heterossexualidade compulsória que obriga muitas vezes os homossexuais a terem desejos subjugados por relações socialmente determinadas e corretas, numa realidade onde muitas vezes, somente resta dizer como Ennis, personagem do conto: "se não tem jeito, deve-se agüentar". (PROULX, 2000, s/p)

Sem a pretensão de elevar o personagem de ficção a uma condição paradigmática, pensamos que a autora do conto reproduz na caracterização da subjetividade de Ennis Del Rio e das suas preocupação, uma questão importante: deve-se suportar como dor aquilo que poderia ser vivenciado como nobre. Enfim, para o personagem, a homossexualidade continua a ser uma forma de amor que não pode dizer o nome, ou se apresentar como tal, na medida em que pode se constituir em motivo de chacota ou mesmo de violência, a despeito do significado que a sexualidade e o amor podem ter na constituição do sujeito. O receio do sentimento de homofobia que sua condição poderia despertar nos outros.

Como inúmeros homens, o personagem encontra uma situação paradoxal: há algo em si, que é tido nobreza, na medida em que se assemelha a um dos grandes ideais e projetos humanos, o amor, que é ao mesmo tempo motivo de felicidade, pois gera prazer e infelicidade, com a discriminação e dor. Tal situação, inúmeras vezes leva os homossexuais a uma escolha forçada: restringir-se a uma vida nos guetos, em meio a iniciados, segundo os aportes de Goffman (1982) em uma, agora sim, perversa situação em que, vendo-se excluído, acaba por se excluir de seus projetos com o resto do mundo, em uma identificação com o agressor.

Se o sentimento – e amor – homossexual por um lado o remete ao encontro do outro, nomeado como objeto de desejo/amor, o que o torna histórico, por outro lado, o leva a necessidade de esconder esse sentimento, uma vez que a sua exposição pode gerar atitudes discriminatórias da sociedade e mesmo de familiares e pessoas mais próximas. Enfim, pode-se ser homossexual, desde que no meio deles. Além do mais, como afirma Villaamil (2004), a saída do armário, ou o assumir a condição homossexual é paradoxal, uma vez "na busca de uma condição de sujeito pleno, a saída do armário coloca o sujeito em uma posição de antemão desvalorizada" (VILAAMIL, 2004, p.282).

Esse mesmo autor encontra nos relatos dos homens homossexuais que entrevistou a expressão da "vergonha de sentir vergonha", de tal forma que o direito à privacidade acaba por se constituir em uma imposição para os homossexuais. Villaamil (2004). Segundo ele, do mesmo modo que no caso do complexo honra/vergonha é

identificado como central na produção da masculinidade nas práticas cotidianas, o direito de manter a vida sexual no âmbito do privado, não sujeita a intervenção, longe da visão normatizadora que regula o espaço público se transforma muito facilmente em obrigação de silêncio (p. 281).

Se se aceita que os homossexuais são sujeitos que encontram em si o reconhecimento de uma condição da qual não se pode e nem deseja desfazer, sob o risco de alienarem-se definitivamente do próprio desejo, e vivem sob o ataque desqualificante deste sentimento vindo de um entorno social que também é essencial para sua vida, têm-se uma encruzilhada. Essa contradição é a questão que move esse trabalho: qual o impacto das atitudes e comportamentos discriminatórios e desqualificadores sobre homens homossexuais? Seu **objetivo** foi descrever a experiências de homens diante das atitudes discriminatórias e desqualificadoras motivadas por causa de sua condição homossexual.

1. MÉTODO

Dado a especificidade do tema que se trata, assim com do objetivo que se propõe, a metodologia utilizada para esse trabalho foi qualitativa, seguindo uma a atitude fenomenológico, no sentido de uma aproximação sem preconceitos do fenômeno, mas não atentando para seus três distintos momentos de redução, descrição e compreensão. Para análise do material fez-se uma apropriação pessoal das proposições de Spink (1999).

1.2 Intrumento

Como instrumento de recolhimento de material utilizou-se de entrevistas semi-estruturadas a partir de uma questão norteadora: a descrição de experiências de desqualificação por causa de sua sexualidade.

1.2 **Colaboradores**

Foram colaboradores dessa pesquisa, cinco homens adultos que se reconhecem como homossexuais e não são militantes de movimentos de reafirmação da identidade homossexual. Dados sobre os colaboradores na tabela abaixo:

Colaborador	Idade	Escolarida-de	Nível sócio econômico	Data entrevista	Profissão
Patric	44	Superior	Alto	10/87	Medico
Dumont	26	Superior	Médio	10/87	Psicólogo
Artur	25	2.0 grau	Médio/baixo	11/87	Escriturário
Emílio	22	2.o grau	Médio/baixo	11/87	Escriturário
Paulo	34	Pós-Grad.	Médio	04/2008	Professor

1.3 Considerações éticas: Esse trabalho foi realizado dentro dos preceitos estabelecidos pelo que reza a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

1.4 Procedimentos de análise

As entrevistas foram transcrita e digitadas. No processo de transcrição iniciou-se o de análise, com a marcação do texto, feitas livremente, no que se utilizou dos recursos ‘comentários’, com o qual justificava o porquê de selecionar tal trecho e com recurso de “destaque” para identificação dessa marca, ainda sem nenhuma formalização. Em

seguida foram submetidas novas leitura para familiarização com o conteúdo e início do processo de reflexão sobre o material, o que implicou em mais comentários e marcas, e o estabelecimento de critérios para a tematização. Com a tematização e as observações nos ‘comentários anexados ao material original, construiu-se as categorias. Em função do espaço foi-se econômico no uso das vinhetas e apresenta apenas parte delas

2. Análise das Entrevistas

2.1 Experiência de desqualificação relatada

Os cinco entrevistados relataram pelo menos uma situação em que experimentaram a desqualificação. Emílio, inicialmente negou que tenha passado por uma delas, mas durante a entrevista referiu-se a exposição de sua sexualidade feita aos seus pais por sua amiga e o constrangimento da interpolação que eles lhe fizeram. Patric aponta especificamente a exposição é uma sala de café de uma pousada, feita pela dona do estabelecimento, mas pela sua entrevista repara-se que foi sujeito a inúmeras delas e de várias formas, na cidade onde vive e é conhecido. Emílio descreveu uma discussão com um amigo gay em uma boate diante de todos. Dumont particularizou uma experiência no trabalho, por um superior hierárquico e Paulo fez referências a inúmeras delas. Em todos ele, a experiência de desqualificação social não se restringiu às situações descritas, mas se estendem ao cotidiano e assumem diferentes formas, na qual o discurso de seus interlocutores é a principal ferramenta. Foram descritas as categorias Família; Antecipação à agressão, Auto-desqualificação; Sensibilidade ao dito do outro; Opção, condição e Orientação; Mundo Gay e Postura Política.

2.1.1 Família

A abordagem do tema da orientação sexual com a família é uma questão que gera angústia nos entrevistados. De forma geral todos intuem que as famílias sabiam antes da revelação feita por eles, por outros ou descoberta acidentalmente. A desqualificação vivenciada dentro da família, por conta da sexualidade, é uma das percebidas como geradora de maior sofrimento, o que leva ao retardamento do assumir-se.

> **Emílio:** Na minha família, da minha boca, nunca escutaram nada. Pode ter desconfiança, só que eu falar eu não falei. Mas andam desconfiando, meu irmão já perguntou pra mim... // Eu ainda não me vejo a vontade para falar com a minha família. Com muitos amigos meus eu já falei, pra família eu acho que não está na hora certa.
> **Artur:** Eu temia pela minha família, de magoar, pois meu pai era muito bruto, expulsou uma filha (*grávida e solteira*) de casa...// Foi uma amiga que foi fazer fofoca e acabou facilitando, dizendo que eu estava beijando outro homem. Cheguei em casa e a minha mãe perguntou se eu saia com homens e eu disse que sim, como já tinha saído com mulheres.
> **Patric:** Meu irmão é homossexual// Ele não aceita quem eu sou... // Uma vez que ele veio passear na minha cidade com um amigo dele e o amigo dele resolveu ficar comigo. Eu achei isso meio estranho e perguntei para meu irmão: o que você acha? Ele falou “Uai! Fica”. Ficou bravo e disse que eu estava envergonhando a família ...” Jogou tudo aquilo que ele achava que eu estava fazendo de errado e que, pelo jeito ele queria fazer.

> **Dumont:** Minha mãe já sabia, mas não era falado. Ela não tocava no assunto... // Ela viu minha agenda, me levou para um quartinho e disse meio nervosa: "não esconde nada, sua opção é masculina?"
> **Paulo:** Lembro dele dizendo: "Olha... eu sei que você é diferente, você é meu irmão e eu tenho que te aceitar desse jeito, mas não conta pro meu pai e pra minha mãe não". // Meu pai me falou uma coisa muito interessante: "Você a gente entende porque você sempre foi assim, a sua irmã não!" E eu pensei... "Filho da puta!, fiquei a infância e adolescência inteira sofrendo com um pai troglodita e aí de repente ele vai e me revela, anos depois que eles sabiam o tempo todo. // Quando eu era adolescente eu percebia que minha família me agredia demais... por não saber que eu era gay. Esse foi o motivo de eu falar que eu era gay e quando eu falei, eles disseram:"Ah, mas a gente não queria saber disso...

Esse conjunto de vinhetas mostra basicamente três coisas, o medo que se tem de causar dano à família, decepcionando-a, o que é reforçado pelo irmão de Paulo; o receio de ser agredido por ela, com a expulsão e a constatação de que ela tem conhecimento da sexualidade que se esconde, antes que esta seja revelada. Os três casos apontam para o sofrimento familiar, aqui se incluindo o de nossos colaboradores, já que estão sujeitos às representações preconceituosas existem sobre a homossexualidade, nesse caso, como uma desgraça que recai sobre a família. A agressão da família assume assim um papel disciplinador em tentativa de erradicação desse mal.

2.1.2 Antecipação à agressão

Os entrevistados deixam transparecer em seus relatos que se antecipam as agressões motivadas por suas orientações sexuais, assumindo formas de condutas, não necessariamente caricatas, mas que atendem ao que julgam ser a expectativas de seus interlocutores, tornando-os aceitáveis nas relações mistas, que envolvem homossexuais e pessoas com outras orientações. Tais formas de conduta, em geral, são mediadas pela mídia, e se traduzem na exacerbação de características como 'divertidos', 'discretos', 'finos', 'poderosos', por exemplo. Em termos de psicanálise, a consideraríamos uma forma de defesa.

> **Artur:** Eu me dou ao respeito, não saio com uma placa na rua.
> **Patric:** Se eu não tivesse o estudo, não tivesse desenvolvido um trabalho legal, uma coisa voltada mais para o social, para melhorar a condição de vida da comunidade... se eu fosse um homossexual que tivesse por aí, na esquina pegando qualquer um ...O que ia acontecer? Chicote em mim.
> **Paulo:** Foi uma forma de enfrentamento que eu desenvolvi ao longo do tempo. É que eu já declaro, porque aí já não é mais objeto de conversa, de curiosidade, de fofoca nem nada disso. // Eu acho que eu uso essa sexualidade como marketing.
> **Dumont:** Ah, eu fui sempre muito gay, independente de assumir ou não.

Emílio apresenta-se como o gay discreto, que não incomoda, Patric como a 'bicha poderosa', que impõe respeito pela sua formação, condição econômica e importância social de seu trabalho, assumindo uma postura mais agressiva, mas mesmo assim reconhecendo que o respeito some se lhe forem subtraídos os recursos que o

tornam poderoso aos olhos do outro. Paulo usa do humor auto-referente e na maioria das vezes relativo aos gays, sendo considerado como ele mesmo diz, divertido e bem humorado. Dumont é o típico caso em que a existência precede a essência, primeiro é, depois sabe. Ele era antes de saber o que era, e o era como os gays midiáticos que as pessoas dizem adorar como adoram um poodle. Adoram-lhe, na medida em se assemelha aos gays que correspondem às expectativas criadas pela mídia.

2.1.3 Auto-desqualificação

Alguns relatos mostram que um sentimento de desqualificação pessoal motivado pela orientação sexual antecede o assumir-se. Tais sentimentos são construídos a partir de representações sociais do meio onde os entrevistados viveram e se desenvolveram, e nos quais os homossexuais eram vistos pejorativamente como promíscuos e desviantes.

> **Artur:** Eu sinto a consciência pesada por ser gay. Eu acho que sou normal, mas abandonei a igreja. Igreja é tudo comércio, fingimento.
> **Patric:** Por mim devia de ter uma placa dizendo "não se aceita homossexual" ou qualquer coisa desse tipo.
> **Dumont:** Eu sentia raiva de mim. E fazia aquela pergunta "Por quê? Por que eu sou gay?", "Não tenho condições de assumir isso, vai ser muito difícil pra mim" Aí a primeira coisa com o que me deparei foi com a promiscuidade, a questão do gay promíscuo, do gay de rua, do gay que cata qualquer um.
> **Paulo: E**u usava aparelho na época e tinha aquelas borrachinhas. Na hora que eu fui dar um beijo nele a borrachinha estourou. Eu achei que era um sinal de que eu não podia fazer aquilo.

A despeito das posturas mais agressivas tomadas por Patric e Paulo, todos de alguma forma experimentaram um sentimento de auto-desqualificação. No relato de Dumont vê-se claramente que ele recusa o que reconhece como seu por mirar-se no que viu e ouviu falar de outro homossexual, como se aquele fosse também o seu destino. A contundência da fala de Patric, relativa a hotéis e pousadas, deve ser entendida como a concepção de nação bicolor, utilizada em questões étnicas: que se explicite o preconceito, dói mais e paradoxalmente, ajuda a doer menos. É um brado contra a agressão sutil, que não deixa brechas para a defesa.

2.1.4 Sensibilidade ao dito do outro

Todos os entrevistados reproduziram algumas frases que ouviram, dirigidas a si, nas quais destacam a ironia presente, mesmo quando o propósito não tenha sido objetivamente a desqualificação. As frases revelam uma coisificação dos entrevistados por conta de sua orientação sexual.

> **Emílio**: Muita gente já chegou a mim e disse: "ser gay e uma mulher ser lésbica, é falta de vergonha na cara".
> **Artur**: Um vizinho que eu conheço há uns 20 anos sempre ficava ironizando. E agora tem um filho de 16. Eu não achava que a ironia era direta para mim e agora tem o mesmo problema em casa.
> **Patric**: Em todo hotel que você chega é o mesmo olhar. "É cama de solteiro ou cama de casal"? É constrangimento em cima de constrangimento//

> **Dumont**: É muito chique ter amigo gay, a maioria das pessoas hoje tem e falam: “Eu adoro os gays”. Para mim é a mesma coisa que “eu adoro um poodle” // Ah, você estava ali, né? De certo com seus rolos, e se acordou tarde deve ter zoado nas boates da vida no final de semana.
> **Paulo:** Eu acho que é como a agressão é feita: a ironia eu acho complicado, essa coisa do não reconhecimento, // Eu acho que a cena temida pela maioria dos gays é essa! De que ninguém diga, porque ninguém nunca virou pra mim e disse: ”Olha... eu sei que você é diferente e eu te aceito”.

A última frase, a de Paulo, a que não se diz e que ele coloca como o temor da maioria dos gays, como diz, é reveladora das outras que se dizem. A sensibilidade de Dumont captura o preconceito e o uso que se faz da proximidade dos homossexuais, colocando em suspeita certas amizades, acentuadamente marcadas pela condescendência. Um poodle sobe na cama, bebe leite no copo, vai ao salão etc., mas é um ser com um dono. Esse é o tom da maioria das frases que os nossos colaboradores reproduzem, de uma desqualificação que está nas palavras, que se apegam as representações sociais preconceituosas sobre a homossexualidade, e mantém a tensão como um discurso de poder, humilhando explicitamente, ou complacente com a fraqueza dos inferiores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta a se fazer é se cabem conclusões. Sim, as mesmas que já se concluiu em outros estudos: a homossexualidade, a despeito dos movimentos em defesas da identidade, dos trabalhos que visam ampliar a sua visibilidade, e com isso aceitação, ainda se depara com representações historicamente estabelecidas que fluem no discurso das pessoas. As experiências relatadas por nossos colaboradores os agridem em algo do qual não querem e nem podem se alienar, acarretando-lhes sentimentos doloridos em relação a si mesmo. O constrangimento, não se resolve com alteração no teor emocional na situação, permanece como dor.

Merlino (2005), discutindo as formas de dores contemporâneas, aponta a vergonha associada à melancolia. Sem nos determos a todas suas considerações, faz jus apontar que para esse autor que a vergonha deve-se ligar ao narcisismo, já que é esse o caráter desse sentimento e – principalmente –, por sua importância ética ao colocar o sujeito diante da alteridade, condição necessária para que seu afeto se desenvolva. Enfim, as posições do autor nos permitem pensar em sentimentos de culpa suscitados – paradoxalmente – por algo que se ama, e que é alvo de tentativas de normatização – ou violência – pela alteridade a quem se remete. O problema que emerge quando se contrapõe a condição homossexual, tal qual percebida contemporaneamente, ao sentimento subjetivo despertado em seu embate com a alteridade, é a melancolia, vivenciada sob a forma de vergonha por homossexuais que resolvem assumir a sua condição, por culpabilizarem-se por uma insuficiência arbitrada pelos códigos de normatização, que se constituem em ultima análise, num ataque à identidade, rebaixando-a a um nível inferior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L.A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: _____ **Diferenças e preconceitos na escola**: alternativas teóricas e práticas. Coordenação: Julio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1998.

BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Paulinas, [19--]. 1695 p.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero** Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). Disponível em: http://www.cacp.org.br/psicologia-homosse.htm>. Acesso em: 09 fev. 2007.

FERRAZ, F. C. **Perversão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 5. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREUD, S. **Os três ensaios sobre a sexualidade**. In: _____Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA., 1989

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982

LA FUENTE ROCHA, E. La homosexualidade em la família. Traumas:subjetividad y procsos sociales n. 24, enero/junio 2005, pp 61-73

MERLINO, C. Vergonha: uma forma de dor na atualidade. **Cadernos de Psicanálise – SPCRJ.** V.21(24), 133-156, 279-306.

MÍCCOLIS, L; DANIEL, H. **Jacarés e Lobisomens**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1983.

PROULX, A. Brokebackmountain. In: _____. **Close Range: Wyoming Stories**. (Trad.) Guilherme Eddino, 2000.

VILLAAMIL, F.P. Economia Política del armário: políticas de silêncio, políticas de la autenticidade. **Psicologia Política**, 4(8), 279-306, 2004.